

DESINFORMAÇÃO E INTERTEXTUALIDADE: OS DIFERENTES INTERTEXTOS EM NOTÍCIAS FALSAS VERIFICADAS PELO PORTAL AOS FATOS

DISINFORMATION AND INTERTEXTUALITY: THE DIFFERENT INTERTEXTS IN FAKE NEWS VERIFIED BY THE AOS FATOS PORTAL

Jaqueline Barreto Lé¹
Jenilda dos Santos Santos²

RESUMO

Este artigo objetiva analisar como a intertextualidade stricto sensu, de acordo com Koch, Bentes e Cavalcante (2012), ocorre nos diferentes tipos de notícias falsas (Wardle, 2017) verificadas pelo Portal Aos Fatos, observando o uso da intertextualidade como estratégia textual de disseminação de conteúdos falsos, levando em conta, ainda, aspectos verbais e não verbais presentes nesses textos. Para tanto, foram investigadas 50 peças de desinformação, sob uma abordagem quali-quantitativa, considerando o modo, a intenção e a frequência com que os intertextos aparecem nos conteúdos checados pelo Portal. Mais especificamente, foram investigados os seguintes tipos de intertextualidade stricto sensu: temática, estilística, explícita e implícita. Nesta pesquisa, percebeu-se que a intertextualidade é um recurso bastante utilizado nas notícias falsas e que o emprego de cada tipo de notícia falsa obedece ao objetivo do agente criador da desinformação. A intertextualidade explícita foi a mais mobilizada, visto que apresenta o intertexto e sua fonte de forma clara, proporcionando uma fácil compreensão do conteúdo; em contrapartida, a intertextualidade implícita foi a menos encontrada, já que exige do receptor a ativação do texto-fonte em sua memória, o que, caso não ocorra, compromete a construção de sentidos do texto. Em relação aos tipos de notícia falsa, a pesquisa revelou uma predominância do tipo conteúdo enganoso, o que está associado a uma tendência mais geral das peças de desinformação buscarem culpar uma questão e/ou um indivíduo a respeito de um determinado tema ou fato ocorrido.

Palavras-chave: notícias falsas; textualidade; intertextualidade.

ABSTRACT

This paper aims to analyze how intertextuality stricto sensu, according to Koch, Bentes, and Cavalcante (2012), occurs in the different types of fake news (Wardle, 2017) verified by Aos

¹ Jaqueline Barreto Lé é doutora em Linguística pela UFRJ, professora adjunta de Língua Portuguesa na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e docente do ProfLetras-UNEB. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4784-2999> E-mail: jaqueline.le@ufrb.edu.br

² Jenilda dos Santos Santos é Licencianda em Letras - Libras/Língua Estrangeira com habilitação em Língua Portuguesa e suas Literaturas pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-0511-9104> E-mail: jenildadossantos@aluno.ufrb.edu.br

Fatos Portal, observing the use of intertextuality as a textual strategy for disseminating false content, also taking into account verbal and non-verbal aspects in these texts. To this end, 50 pieces of disinformation were investigated from a qualitative-quantitative perspective considering the manner, intention and frequency with which intertexts appear in the content checked by the Portal. More specifically, the following types of intertextuality stricto sensu were investigated: thematic, stylistic, explicit, and implicit. In this research, it was observed that intertextuality is a resource widely used in fake news and that the use of each type of fake news is related to the objective of the disinformation creator. Explicit intertextuality was more frequently mobilized, since it presents the intertext and its source clearly, providing easy comprehension of the content; conversely, implicit intertextuality was the least frequently found, as it requires the receiver to activate the source text in their memory, which, if it does not occur, compromises the construction of meaning in the text. Regarding the types of fake news, the research revealed a predominance of misleading content, which is associated with a more general tendency for disinformation to seek to blame an issue and/or an individual regarding a particular topic or event.

Keywords: *fake news; textuality; intertextuality.*

Introdução

A chegada das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) implementou a era em que a informação circula em velocidade acelerada, especialmente nas redes sociais. A desinformação se infiltrou nesse cenário de enxurrada de dados e ganhou grande proporção nas plataformas digitais; entretanto, como afirma Saad (2023), isso não é um fenômeno recente. Antes mesmo do século XXI e de seus avanços tecnológicos, já ocorria a circulação de inverdades por meio de boatos, fofocas e mentiras surgidas de conversas na vizinhança; sua disseminação era realizada no modo chamado “de boca em boca”. Na contemporaneidade, esse cenário persiste, mas com algumas alterações na forma de seu compartilhamento, interação e abrangência, afinal, assim como aponta Ferrari (2019, p. 62), “As notícias falsas só existem porque as pessoas precisam de notícias, verdadeiras ou não, para alimentar as próprias certezas”.

Como lembram autoras como Santaella (2019, 2020), Ferrari (2019), Lé, Anecleto e Ribeiro (2022), a expressão *fake news* (notícia falsa) ganha destaque no ano de 2016 com a vitória de Donald Trump nas eleições presidenciais nos Estados Unidos e no plebiscito do Brexit, no Reino Unido, em função da forte presença de informações falsas no desfecho de ambos os eventos. Em um cenário de pós-verdade, a formação de bolhas informacionais, que antes tinham o sentido de “espaços de proteção e controle da privacidade, contra a invasão da vigilância” (Santaella, 2019, p. 19), passam, com auxílio de algoritmos, a configurar um espaço de detecção

do perfil do usuário para direcioná-lo a conteúdos – muitas vezes falsos – mais compatíveis com suas preferências e crenças.

Essas inverdades, muitas vezes, parecem tão reais que confundem até os leitores/ouvintes mais atentos, e um dos aspectos da textualidade que parece auxiliar no efeito de “realidade” dessas informações é o uso de um recurso muito comum na linguagem, a intertextualidade.

Visto isso, concordamos com Greimas (1966, *apud* Koch; Bentes; Cavalcante, 2012, p. 14), ao afirmar que “todo texto é um intertexto”; logo, como qualquer texto (escrito, oral, visual, sinalizado em língua de sinais ou multimodal), as notícias falsas usufruem da intertextualidade na sua produção e disseminação para alcançar objetivos específicos, a saber: passar uma imagem de credibilidade, ludibriar e influenciar, por exemplo. Sendo assim, é importante analisar toda a composição das peças de desinformação para identificar a presença do intertexto e as estratégias que estão por trás de sua escolha.

Sabendo que a intertextualidade, segundo Koch, Bentes e Cavalcante (2012), é dividida em *lato sensu* (sentido amplo) e *stricto sensu* (sentido estrito) e que a identificação do intertexto nessa primeira é bastante complexa, por se tratar de um fenômeno muito mais amplo, tomamos aqui como base a intertextualidade *stricto sensu* para a nossa investigação, tendo em vista que é de extrema importância para esta pesquisa reconhecer o intertexto nas notícias falsas. Adotamos, especificamente, os tipos *temática*, *estilística*, *explícita* e *implícita* para a classificação do *corpus*.

Dessa forma, este estudo objetiva analisar como o fenômeno da intertextualidade *stricto sensu* ocorre nos diferentes tipos de notícias falsas (*fake news*), vinculando esse critério de textualidade a uma estratégia de produção e compreensão textual associada à desinformação, levando em conta, ainda, aspectos multimodais dos conteúdos falsos investigados. Para tanto, adotamos como *corpus* peças de desinformação verificadas pelo Portal *Aos Fatos*, sendo coletadas 50 peças no período de setembro de 2024 a janeiro de 2025. Para fins de análise, neste trabalho, foram investigadas 6 peças de desinformação, tendo como critério de escolha aquelas que melhor representassem os tipos de intertextualidade *stricto sensu* e sua relação com os tipos de *fake news*.

O artigo está organizado da seguinte forma: inicialmente, apresentamos uma revisão bibliográfica no que tange aos conceitos e às classificações das *fake news*, à intertextualidade, passando pela relação entre desinformação e intertextualidade; em seguida, são apresentados os procedimentos metodológicos da pesquisa, a análise de dados, as considerações finais e as referências.

1. Desinformação: os sete tipos de notícias falsas

A segunda década do século XXI trouxe consigo muitos avanços nas tecnologias digitais e o aumento do uso das redes sociais, criando, com isso, um espaço de fala para todo e qualquer indivíduo, como afirma Santaella (2019). Dessa forma, passado o fascínio por essas novidades, surge um cenário denominado de “era da pós-verdade”, em que a disseminação das chamadas “*fake news*”, ou “notícias falsas³”, ganha grande proporção no meio digital, o que, segundo Saad (2023), é consequência da instalação de uma vida digitalizada que causou notáveis mudanças na produção de informação. Assim,

[...] Podemos dizer, sem exageros, que a digitalização desconfigurou uma existente e suposta estabilidade social mediada pelos clássicos canais unidirecionais de comunicação, evidenciando processos latentes de comunicação, informação e empoderamentos de todos os tipos — que sempre existiram, mas que ganharam velocidade e alcance com a desintermediação proposta plataformas sociais digitais, pelas ferramentas de publicação em rede e pelos dispositivos de distribuição de conteúdo (Saad, 2023, p. 76).

Santaella (2019) apresenta três aspectos que hoje podem ser associados à indústria da desinformação: cenário de alta polarização política, descentralização da informação e ceticismo entre as pessoas sobre as instituições políticas e democráticas. Sena (2020) acrescenta, ainda, a velocidade com que a sociedade vem consumindo notícias; complementamos que não somente o consumo, mas o compartilhamento de informações é demasiadamente rápido. Tal aspecto da cultura digital contribui para o amplo alcance das peças de desinformação, visto que não se

³ É necessário destacar que a Unesco (2019) aconselha a troca da expressão *fake news* por *desinformação*, *má informação* ou *informação incorreta*. Entretanto, apesar de ter conhecimento acerca da discussão sobre o uso do termo *fake news* (notícia falsa) não ser o mais adequado por, segundo a Unesco (2019), poder ser usado para afetar a área jornalística, ainda assim, a pesquisa mantém essa nomenclatura por ser um termo já entranhado na sociedade, dessa maneira, facilitando a compreensão do leitor sobre o tema abordado pela pesquisa.

demanda tempo suficiente para uma curadoria dos dados, ou seja, para compreender, interpretar, desconfiar, checar outras fontes e notar aspectos incoerentes para uma notícia.

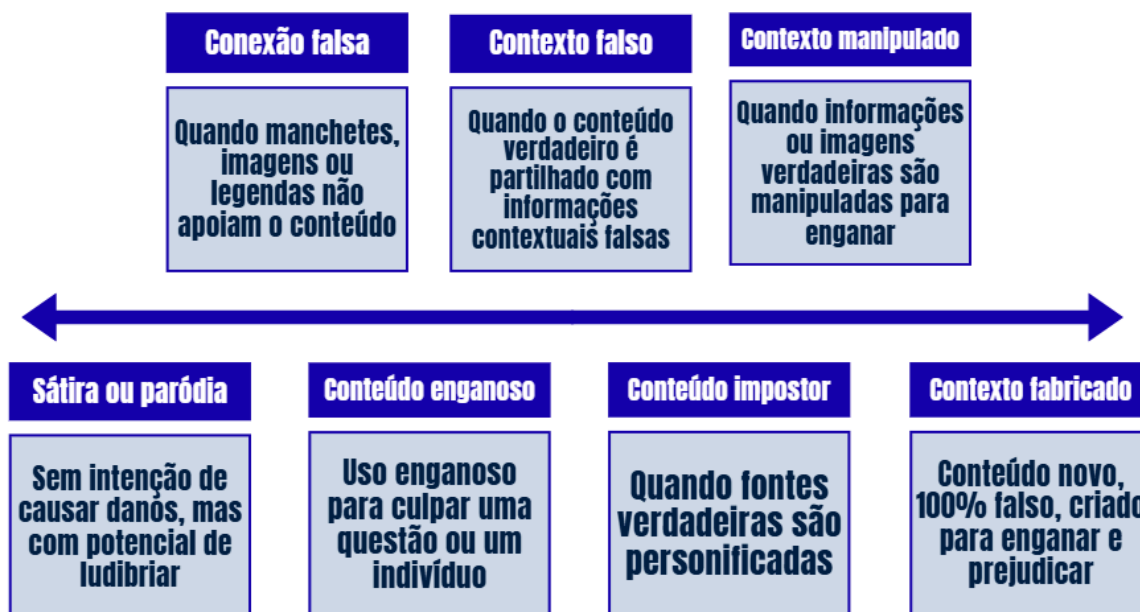
Esse imediatismo leva as pessoas a acreditarem e encaminharem de prontidão informações para outros indivíduos. Ademais, a criação e o compartilhamento dessas inverdades contam com o uso de algoritmos, *bots* e, recentemente, de Inteligência Artificial (IA). Logo, temos nas redes sociais o cenário que salienta Santaella (2019, p. 23): “[...] de um lado, pelos deslizos da pressa e dos gestos automáticos a que são convidados pelo simples toque em um botão, compartilham impensadamente falsas notícias ou informações; de outro lado, aqueles que voluntariamente produzem e compartilham mentiras em prol do interesse de suas crenças”.

Sabendo que as notícias falsas têm grande influência na formação da opinião popular, por muitas vezes serem confundidas por algo verídico, elas são muito utilizadas no âmbito da política, o que acarreta a mitigação de debates políticos e acaba moldando os resultados de eleições. A título de exemplificação, da forte presença da desinformação na área abordada, pode-se citar as eleições dos dois mandatos de Barack Obama e dos dois mandatos de Donald Trump, nos Estados Unidos; já no Brasil, as eleições presidenciais de 2018 e 2022 e municipais de 2020 e 2024, nas quais ocorreu a massiva circulação de conteúdos em prol de um interesse próprio e de ataques à reputação dos candidatos rivais.

Em 2024, por exemplo, o candidato a prefeito de São Paulo, Guilherme Boulos, foi alvo de *fake news* que alegavam que ele era usuário de cocaína; outras afirmavam que lhe foi solicitado por Alexandre de Moraes, ministro do Supremo Tribunal Federal, a realização de exame toxicológico. Faz-se necessário salientar que a desinformação está muito presente na área política, entretanto, não se apresenta apenas nesse domínio, disseminando-se também para outras esferas sociais.

As notícias falsas se configuram como informações que, de acordo com Santaella (2020, p. 19), “[...] variam entre rumores, boatos, fofocas, histórias e notícias. Alguns tipos de *fake news*, têm, inclusive, uma aparência inocente, mas, no fundo, dissimuladora”. Portanto, tendo a noção de que as falsas notícias assumem diversas roupagens, o *First Draft News*, uma organização criada em 2015 pelo Google News Lab, com propósito de combater a desinformação, apresenta, em 2017, a classificação, com autoria de Claire Wardle, das *fake news* em sete tipos, como podemos observar na Figura (1).

Figura 1 - Tipos de notícias falsas



Fonte: Wardle, 2017⁴

Alguns pesquisadores não acham coerente considerar textos satíricos ou parodísticos (como os memes) um tipo de notícia falsa, por não terem em sua essência o desejo de desinformar. Entretanto, estamos alinhadas com teóricas que acreditam no poder de enganar que esses discursos têm, como Claire Wardle (2017), Ferrari (2019), Lé, Anecleto e Ribeiro (2022); dessa forma, manteremos neste estudo a classificação em sete tipos.

2. Diálogo entre textos: conceito e tipos da intertextualidade *stricto sensu*

O conceito de intertextualidade é fruto dos estudos na Teoria Literária, nos trabalhos da crítica literária francesa Julia Kristeva na década de 1960, tendo o dialogismo de Bakhtin como base, visto que esse já abordava que a construção de um texto se realizava em diálogo com outro e esse contato contribuía para ambos os textos (Bakhtin, 1986, *apud* Koch; Bentes; Cavalcante, 2012). Desse modo, Kristeva (2005, p. 66) concebe que qualquer texto é construído como um “mosaico de citações”, assim, os enunciados comungam entre si e apresentam trechos de outros textos, chamados intertextos.

Maingueneau (2008), ao se apoiar na oposição conceitual entre *heterogeneidade constitutiva* e *heterogeneidade mostrada* (Authier, 1982), aponta para a distinção entre

⁴ Extraído de Ferrari (2019, p. 63). Tradução livre da autora. Gráfico original disponível em: <https://firstdraftmews.com/> Acesso em: 10 de jul. de 2017.

intertextualidade e intertexto, em que o primeiro termo tem a função de reger as diferentes formas de manifestação do intertexto, já o segundo termo remete aos “fragmentos discursivos” que se fazem presentes.

No âmbito da Linguística Textual (LT), Beaugrande e Dressler (1981), durante a Virada Pragmática, classificaram os sete critérios de textualidade: coesão, coerência, situacionalidade, intencionalidade, aceitabilidade, informatividade e intertextualidade. Partindo dessa abordagem, as autoras Koch, Bentes e Cavalcante (2012) também assumem a intertextualidade como um desses critérios, definindo, então, dois tipos: a intertextualidade *lato sensu* (sentido amplo), em que o texto é formado por todo e qualquer discurso e traz a ideia de que tudo que se diz já foi dito, e a intertextualidade *stricto sensu* (sentido estrito), na qual é preciso a presença de um intertexto.

Nas palavras das autoras supracitadas, a intertextualidade *stricto sensu*, doravante apenas intertextualidade,

[...] ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade ou da memória discursiva (*domínio estendido de referência*, cf. Garrod, 1985) dos interlocutores. Isto é, em se tratando de intertextualidade *stricto sensu*, é necessário que o texto remeta a outros textos ou fragmentos de textos efetivamente produzidos, com os quais estabelece algum tipo de relação (Koch; Bentes; Cavalcante, 2012, p. 17).

Tendo esse conceito em vista, cabe-nos apresentar seus diversos tipos sob a visão das autoras já citadas, começando com a *intertextualidade temática*, que ocorre quando textos científicos de uma mesma área do conhecimento e/ou corrente de pensamento abordam uma mesma temática; na literatura, quando são textos de uma mesma escola literária ou gênero textual; entre jornais e mídia em geral ocorre quando abordam um mesmo assunto durante um período em que o tema está em foco. Ou seja, os textos dialogam entre si por estarem tratando de um mesmo tema.

A *intertextualidade estilística*, segundo Koch, Bentes e Cavalcante (2012, p. 19) “[...] ocorre, por exemplo, quando o produtor do texto, com objetivos variados, repete, imita, parodia certos estilos ou variedades linguísticas”. Acrescentamos, ainda, que essa imitação pode ocorrer em aspectos visuais dos textos, como as cores, o tamanho e formato das letras, a formatação, o *layout*. Sendo assim, pode-se afirmar que na intertextualidade estilística ocorrem textos

imagéticos, escritos, orais (copiando a entonação da voz e pausas na fala, possibilidade facilitada pela Inteligência Artificial (IA)), textos sinalizados em língua de sinais e multissemióticos.

Configura-se *intertextualidade explícita* quando um intertexto e sua fonte são mencionados no próprio texto, isto é, atribui-se o fragmento ao seu enunciador ou a enunciadores generalizados, como em “como diz o povo...” e “segundo os antigos...”. Esse tipo de intertextualidade é frequente em citações, referências, menções, resumos, resenhas e traduções. Está presente também em textos como conversas orais, visto que “[...] em se tratando de situações de interação face a face, [ocorre] nas retomadas do texto do parceiro, para encadear sobre ele ou contraditá-lo, ou mesmo para demonstrar atenção ou interesse na interação” (Koch; Bentes; Cavalcante, 2012, p. 29).

Em contrapartida, a *intertextualidade implícita*⁵ acontece quando no texto há a presença de outros textos sem constar a fonte. Desse modo, para que haja a compreensão e atribuição de sentido ao texto, é importante que o leitor/ouvinte reconheça o intertexto, recordando-se do texto-fonte. Esse tipo é usado seja para concordar e argumentar a favor, seja para contradizer, ridicularizar, argumentar contra. Para cada uma dessas duas situações, as referidas autoras adotam uma subdivisão: intertextualidade “das semelhanças” e “das diferenças” (para Sant’Anna, 1985) ou captação e subversão (para Grésillon e Maingueneau, 1984):

- Captação: trata-se de uma paráfrase, ou seja, mantém uma certa proximidade com o texto-fonte por estar mais ou menos igual à ideia original. Aqui, se o receptor não reconhecer o intertexto, a atribuição de sentido não é tão prejudicada, justamente por ser relativamente fiel ao texto primeiro. Claro que o seu reconhecimento é bem-vindo, mas não é tão essencial à medida que o enunciado atual se aproxima do original.

- Subversão: inclui-se, por exemplo, paródias, ironias, apropriações; bem como tem intertextos provindos de bordões, frases feitas, trechos de músicas populares. Nesse caso, é de extrema necessidade que o leitor/ouvinte realize a reativação do texto-fonte, caso contrário, a atribuição de sentido será prejudicada. Sendo assim, esse processo é mais complexo por exigir conhecimento prévio, visto que a compreensão do enunciado depende da memória social do receptor.

⁵ Vale ressaltar, assim como fizeram Koch, Bentes e Cavalcante (2012), que há diferença entre *intertextualidade implícita* e *plágio*, visto que neste se realiza uma certa cópia de outro texto, esperando que seu público não tenha na memória a fonte ou o texto original; já na intertextualidade, o desejo é, justamente, que o interlocutor identifique o intertexto e sua origem.

As autoras trazem, ainda, o *détournement*, formulado por Grésillon e Maingueneau (1984), que consiste em um enunciado com marcas linguísticas proverbiais, mas que não é exatamente um provérbio conhecido.

A autotextualidade⁶, por sua vez, ocorre quando o autor cita em seu texto trechos de outro texto de sua autoria. Já sobre a intertextualidade com textos de outros enunciadores, inclusive um enunciador genérico, Koch, Bentes e Cavalcante (2012, p. 34) falam:

nesses casos de enunciações de origem desconhecida, como provérbios, frases feitas, ditos populares, que fazem parte da cultura do povo e que se repetem anonimamente através do tempo, a fonte é um enunciador genérico, representante da sabedoria popular, da opinião pública (a “*vox Populi*”, a quem Berrendonner (1981) denomina **ON** — em francês, o pronome indefinido *a gente, alguém*).

A intertextualidade intergenérica diz respeito a um gênero assumindo a função de outro. Segundo Cavalcante, Brito, Zavam (2017), dá-se pela imitação de gêneros ou estilos de autores. Já a intertextualidade tipológica é a possibilidade de identificar características comuns entre sequências ou tipos textuais que permitem perceber que são próprias de uma classe específica. Isto é, textos de um mesmo tipo textual, por exemplo, “textos narrativos”, “textos argumentativos”, podem ser produzidos por agentes diferentes em contextos diferentes, mas ainda fazem parte da mesma classe por apresentarem as mesmas características tipológicas.

3. Desinformação e intertextualidade: a presença de intertextos em notícias falsas

A afirmativa de Marcuschi (2008, p. 129) de que “não existem textos que não mantenham algum aspecto intertextual, pois nenhum texto se acha isolado e solitário”, apoia, então, que as notícias falsas, como todo e qualquer texto, apresentam intertextos na sua composição. Tal aspecto contribui para alcançar determinados objetivos, como atribuir uma aparência de credibilidade, causando um certo efeito de “veracidade” na informação, o que fortalece o poder que as peças de desinformação possuem de enganar e influenciar.

A intertextualidade pode aparecer nos diversos formatos de texto (escrito, oral, visual, sinalizado em língua de sinais ou multimodal), como também em textos que mesclam mais de

⁶Koch, Bentes e Cavalcante (2012) apontam que alguns estudiosos não consideram a autotextualidade (ou intratextualidade) como um dos tipos de intertextualidade, pois para essa guardam os textos com a presença de intertextos alheios, entretanto as autoras não fazem essa distinção. Neste artigo, como estamos alinhadas com o pensamento delas, também não faremos separação entre os termos.

uma semiose, os chamados *textos multimodais*, o que ocorre com muita frequência nas *fake news*. Por esse motivo, a identificação dos intertextos em conteúdos falsos requer uma investigação mais aprofundada, fazendo-se necessário observar cada parte que os compõem, seja verbal ou não-verbal. Nesse cenário, é comum se deparar com mais de um intertexto em uma mesma notícia falsa e, muitas vezes, de tipos diferentes de intertextualidade. Por exemplo, pode haver uma citação (intertextualidade explícita) em uma imitação de manchete de algum jornal (intertextualidade estilística).

Esses textos orais e imagéticos, atualmente, contam com a Inteligência Artificial (IA) para trazer maior semelhança com o real para seus elementos, o que ainda é identificável como falso (ainda!), mas, dependendo do público, como idosos, têm uma alta probabilidade de ludibriar. O uso de ferramentas (como a *deepfake*) para imitar a aparência ou a voz de uma certa figura pública e/ou especialista se tornou frequente no meio da desinformação, com a finalidade de passar um ar de credibilidade para o exposto. Justamente porque apresentar a fala de uma autoridade no assunto causa maior confiabilidade ao texto, logo, trazer um vídeo da fala dessa autoridade torna mais difícil de refutar ou desconfiar de uma legitimidade. Afinal, “nossos cérebros são menos propensos a criticar os recursos visuais” (Wardle; Derakhshan, 2019, p. 51).

Assim, tornou-se comum encontrar notícias falsas que se caracterizam como intertextualidade estilística justamente por copiar não somente o texto, mas também a forma que ele é dito. Nesses casos, a imitação não se restringe à linguagem de um indivíduo, como aparece nos textos escritos, mas inclui a cópia da voz e do seu timbre, da entonação, das pausas na fala, dos gestos, das expressões faciais e corporais desse sujeito. Essa prática favorece o alcance da desinformação, já que apoiar uma informação falsa com imagens ou vídeos a torna mais atrativa para o público, o qual é imediatista e consumidor voraz e superficial de dados, que dificilmente pararia seu repetitivo movimento de deslizar o dedo na tela para ler um texto escrito.

As peças de desinformação não são todas iguais, afinal, “[...] Além de apresentarem variados formatos e se manifestarem por meio de diferentes práticas comunicativas, elas também oscilam quanto aos seus efeitos, apresentando maior ou menor grau de gravidade, quanto à legitimidade do conteúdo e quanto à validação do contexto apresentado” (Lé; Anecleto; Ribeiro, 2022, p. 36). Sendo assim, a sua elaboração tende a abarcar um tipo de intertextualidade que seja capaz de auxiliar na produção do sentido esperado. Assim, na temática, aproveitam-se do tema em foco para manipular aspectos de uma notícia; como o assunto está em evidência, as

peessoas acabam acatando qualquer novidade que, supostamente, complemente a notícia original. Na estilística, tentam se passar por um jornal, um site, um perfil de rede social para atribuir a estes uma publicação que não fizeram. Na explícita, a intenção é atribuir uma “fundamentação” à informação. Já na implícita, é insinuar algo e esperar que os interlocutores captem o sentido que o autor quis atribuir.

Segundo Koch, Bentes e Cavalcante (2012), quanto o intertexto é do tipo intertextualidade implícita, seu reconhecimento é menos garantido, justamente por depender dos conhecimentos que o receptor armazena na memória. Sob esse viés, não somente para compreender intertextos implícitos, mas para todos os outros tipos de intertextualidade, podemos ressaltar a importância de mobilizar os quatro sistemas de conhecimento, identificados por Heinemann e Viehweger (1991, *apud* Koch, 2015, p. 22) para o processamento textual, a saber: (1) conhecimento linguístico (gramatical e lexical, responsável pela organização do material linguístico no contexto), (2) conhecimento enciclopédico ou de mundo (conhecimento conquistado pelas experiências vividas), (3) conhecimento sociointeracional (conhecimento sobre as formas de inter-ação por meio da linguagem) e (4) conhecimento de modelos textuais globais (capacidade de reconhecer um texto como pertencente a um gênero ou tipo).

Ademais, podemos somar a isso a compreensão do contexto em que a informação foi gerada e está sendo compartilhada; afinal, o contexto dita muito sobre o conteúdo de qualquer texto, principalmente, tratando-se da intertextualidade do tipo temática, que mais se aproveita de assuntos em foco para produzir alegações.

4. Aspectos metodológicos da pesquisa

Após o conhecimento das classificações das notícias falsas e da intertextualidade, bem como da relação entre elas, entendendo a forma que se apresentam e a importância de aspectos como intenção e contexto, veremos, nesta seção, o percurso metodológico.

Esta pesquisa se caracteriza como abordagem mista, ou seja, contempla tanto elementos quantitativos (análise estatística de dados quantificáveis, permitindo-nos identificar padrões e frequência de ocorrências), quanto qualitativos (compreensão e interpretação dos sentidos, possibilitando-nos atribuir justificativas para os dados e fenômenos encontrados) conforme propõem, respectivamente, Gil (2002) e Minayo (2007). Dessa maneira, constitui a abordagem

mais adequada à presente pesquisa, já que a visão quantitativa nos propiciou quantificar a ocorrência dos tipos de notícias falsas, de intertextualidade e do cruzamento entre as duas. Por outro lado, a perspectiva qualitativa colaborou para a interpretação dos dados gerados, da intenção por trás do intertexto e do tipo de intertextualidade empregados, permitindo-nos, ainda, verificar como sua presença contribui para a textualidade das notícias falsas.

O *corpus* analisado é composto por 50 peças de desinformação que foram verificadas pelo Portal *Aos Fatos*, sendo 6 selecionadas como amostra para serem discutidas neste artigo. A escolha por esse portal justifica-se por ser uma organização jornalística que combate a desinformação, realizando a checagem de fatos, além de não ser financiada por patrocinadores que interferem nas escolhas editoriais da Redação⁷. Portanto, espera-se que seja a mais imparcial e neutra possível. Quanto à seleção de amostragem, esta foi pautada em exemplos que melhor representassem os tipos de intertextualidade *stricto sensu* e de notícias falsas investigados neste estudo

A coleta foi realizada no período de setembro de 2024 a janeiro de 2025, sendo utilizadas as funções de cópia de link e de capturas de telas, assim, armazenando-os em um documento Word com o tipo de notícia falsa e de intertextualidade especificados. Posteriormente, houve a criação de tabelas (com o link, o tipo de intertextualidade e de notícia falsa da peça de desinformação⁸) e de gráficos (um com a porcentagem dos tipos de intertextualidade e outro com percentual dos tipos de notícias falsas). Os critérios para a constituição da amostragem foram: 1) identificar peças de desinformação do período da coleta (o que facilita perceber se é do tipo temática); e 2) identificar se apresenta, claramente, um tipo de intertextualidade *stricto sensu*.

Quanto à escolha do gênero em análise, ressaltamos que a *notícia* corresponde a um gênero textual do domínio jornalístico, de vasta circulação social e que, em meio digital, muitas vezes sofre influência das bolhas informacionais ao ser distorcido, não só em seu conteúdo temático, mas também em sua composição estrutural e estilo. Diante disso, assumimos o ponto de vista de que a terminologia *notícia falsa* (*fake news*) pode, sim, se distanciar do referido gênero, por entendermos que as peças de desinformação não carregam, por exemplo, o compromisso com a factualidade, aspecto essencial do seu conteúdo temático. Assim, ressaltamos que, ao analisar as checagens do Portal *Aos Fatos*, estamos tratando de um

⁷ Informação disponibilizada pelo próprio portal: <https://www.aosfatos.org/>. Acesso em: 25 de set. de 2024.

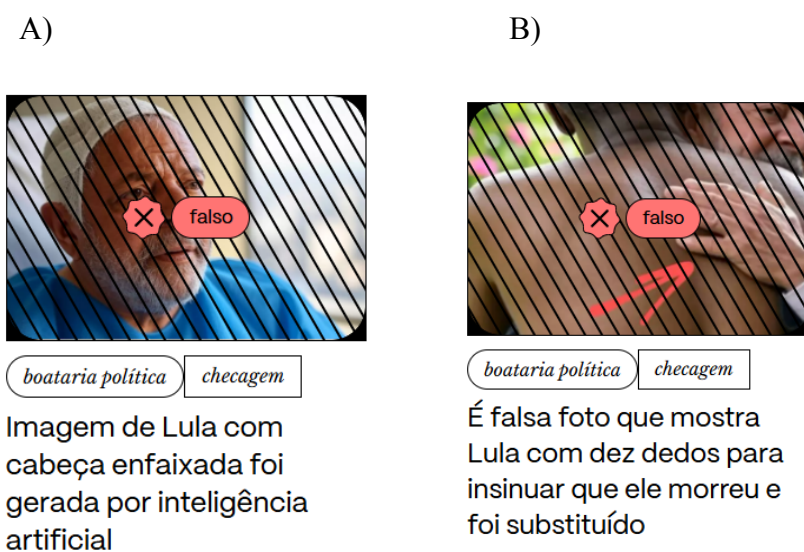
⁸ Para as peças de desinformação do tipo intertextualidade temática, também havia links de notícias abordando o mesmo tema.

fenômeno mais amplo de disseminação de conteúdos falsos e não exclusivamente do gênero notícia em questão. A seguir, procedemos à análise das peças de desinformação presentes nas Figuras 2 a 5, identificando como a intertextualidade *stricto sensu* pode estar entrelaçada aos tipos de notícia falsa na dinâmica do processamento textual.

5. Análise das peças de desinformação

Discutiremos, nesta seção, seis peças de desinformação encontradas no *corpus* investigado, associando, em nossa análise, os tipos de intertextualidade aos tipos de notícias falsas verificadas pelo Portal *Aos Fatos*. Em seguida, apresentaremos os resultados quantitativos da pesquisa referentes aos tipos mencionados.

Figura 2 - Intertextualidade temática e contexto fabricado



Fonte: *Aos Fatos*, 2024

Nos dois exemplos apresentados na Figura 2, as notícias falsas apresentam intertextualidade temática, correspondente a 30% dos casos avaliados, e são do tipo contexto fabricado, correspondente a 18% das ocorrências. Escolhemos apresentar uma amostra de duas peças para pontuar a ocorrência da intertextualidade temática não somente entre *fake news* e notícias, mas também de *fake news* com *fake news*.

O tema em questão surge do acidente doméstico que o presidente Lula sofreu no mês de outubro de 2024, assunto que foi foco de desinformação até, pelo menos, dezembro do mesmo ano. Jornais como G1, CNN, BBC publicaram o acontecimento, e isso já demonstra o diálogo entre os textos jornalísticos (em um mesmo jornal e em jornais diferentes) ao abordar o mesmo tema. A partir disso, surgiram notícias falsas que conversavam com essa temática, ou seja, mantendo uma intertextualidade temática entre *fake news* e notícias, por mais que uma informe e a outra desinforme, ainda é o mesmo assunto sendo abordado. Com a continuidade do surgimento de inverdades, passa-se, também, a haver intertextualidade temática entre as *fake news*, que podem acontecer entre postagens de uma mesma página virtual ou entre diferentes agentes.

Nos exemplos mencionados, temos na Figura 2A uma peça de desinformação do dia 10 de dezembro de 2024, a qual traz a imagem do Lula com a cabeça enfaixada e o título “URGENTE! Janja tira foto de Lula para mostrar que ele está vivo!”, a publicação seria um registro do petista após a cirurgia a que foi submetido em virtude de seu acidente. Porém, na verdade, a suposta foto foi gerada por IA, e a única postagem em que Janja citava o procedimento, até aquele momento, apenas agradecia as orações direcionadas ao seu companheiro.

A Figura 2B, também de dezembro de 2024, tem o conteúdo que visa convencer exatamente o contrário: o presidente faleceu e foi substituído por um sócia. Esse tipo de desinformação é recorrente desde 2022, mas ganha mais intensidade quando o presidencialista passa por problemas de saúde. O recurso usado como suposta prova do episódio foi uma imagem (novamente criada por IA) do presidente apresentando dez dedos, o que é impossível visto que ele, em 1964, perdeu o mindinho durante o trabalho que exercia em uma metalúrgica. A peça traz ainda o dizer: “Será que volta a crescer igual rabo de lagartixa?”, referindo-se, desse modo, ao décimo dedo que o petista não tem, mas seu suposto substituto esbanjava na “foto”. Além da checagem do *Aos Fatos* para esclarecer que o *post* é resultado de *deepfake*, fotos recentes mostram o político com 9 dedos, desmentindo totalmente a postagem.

Percebemos, assim, que a desinformação se aproveita de notícias que estão sendo muito comentadas no período para criar informações que conversem com o conteúdo, mas destoam da realidade. O uso dessa intertextualidade ajuda a enganar os leitores/ouvintes que, por estarem cientes do ocorrido verdadeiro, acatam qualquer outro detalhe que tenham acesso, sem conferir

se esse aspecto novo é real, já que consomem tudo com tanta pressa e não costumam ter esse cuidado.

Além disso, notamos que o tipo de *fake news* mais comum nessa intertextualidade foi o contexto fabricado, constatação curiosa, pois não se espera que o tipo 100% falso seja tão utilizado em um texto que flerta com a realidade. Porém, compreendemos que, justamente por estar em um contexto em que a notícia é amplamente difundida, a atribuição do efeito “veracidade” às notícias falsas é facilitada e, por conseguinte, abre brechas para criar algo que extrapola um pouco mais.

Outro fator relevante é a presença da multimodalidade. Nos exemplos trazidos, vemos o uso de imagens que contribuem com o sentido do texto. Na Figura 2B, em especial, a ausência da imagem comprometeria o entendimento do texto, tornando-a, então, o elemento principal para construção de sentido. Conforme já afirmava Gomes (2016, p. 86), lembrado por Abreu (2021, p. 39), “[...] muitas vezes, a imagem passa a ter função central na construção dos sentidos (e não apenas periférica, como simples ilustração), como vemos nos fotologs e no YouTube, para citar os mais comuns”. Especialmente nesse exemplo, faz-se necessário o conhecimento enciclopédico de que o presidente Lula não possui dez dedos para estabelecermos a relação entre a frase “Será que volta a crescer igual rabo de lagartixa?” e seu referente, o décimo dedo.

Figura 3 - Intertextualidade estilística e conteúdo impostor



Fonte: Aos Fatos, 2025

A intertextualidade estilística somou a porcentagem de 18% do *corpus* investigado, sendo esse mesmo percentual encontrado em notícias falsas do tipo conteúdo impostor. Isso porque

ambos têm o propósito de, por meio da imitação, assumir a roupagem de seu alvo. A intertextualidade estilística copia o estilo de outrem, ao passo que a notícia falsa de conteúdo impostor, de acordo com a escolha metodológica que fizemos, imita fontes genuínas, isto é, a peça de desinformação copia a linguagem, a formatação, os elementos das postagens de portais jornalísticos, perfis de redes sociais, sites; em textos orais, a imitação atinge também a voz, com o auxílio de IA.

No exemplo da Figura 3, observamos uma imitação do *layout* usado em notícias pelo jornal digital G1 para atribuir a esse portal a postagem da informação. Assim, foram copiados elementos como a típica cor vermelha, o modelo e tamanho da letra, a linguagem usada, os ícones de pesquisa e de menu, a estrutura de apresentação (nicho, manchete, lead, redator, data de publicação e tempo de atualização). O uso dessa intertextualidade se aproveita da rapidez dos internautas, ao consumirem conteúdo na web, para se passar por algo verídico, tendo em vista o que já foi citado, nossa mente tem maior dificuldade de criticar os recursos visuais; então, dificilmente o interlocutor, ainda mais apressado, vai duvidar de uma informação que foi publicada, aparentemente, por um portal legitimado.

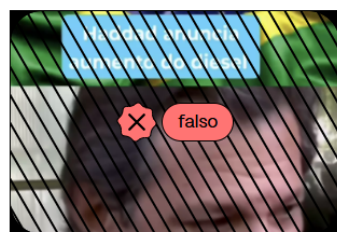
Se pensarmos um pouco além, a intertextualidade estilística é um critério textual relevante em muitas peças de desinformação; afinal, estas estão incansavelmente tentando assumir a roupagem das notícias, copiando vários de seus elementos e o seu objetivo principal, informar. Pode, a partir disso, surgir o questionamento de se a intertextualidade intergenérica não se encaixaria melhor nessa constatação. Afirmamos, contudo, que não. A intergenérica acontece quando um gênero exerce a função de outro, o que não é o exato caso das notícias falsas. Pois estas, apesar de fornecerem um certo grau de informatividade, fazem isso desinformando, por isso não estão em pé de igualdade com as notícias, justamente porque estas exercem a função de informar sobre fatos, verdades, acontecimentos reais. Pontuamos, ainda, que essa conclusão não abrange todos os tipos de notícias falsas, porque, como já visto, há tipos que não têm a finalidade de enganar, como a sátira ou paródia, logo, sua maioria não se esforçará para se assemelhar a uma notícia.

Por fim, um outro ponto a ser observado na Figura 3 é a manchete, “Donald Trump vence a eleição estadunidense e manda um recado para o Brasil: ‘Com o Lula eu não negocio’”, a qual traz uma outra inverdade, pois o atual presidente dos Estados Unidos não deu essa declaração; desse modo, temos essa desinformação e a sobre o G1 tê-la publicado. Mas o que queremos dar

maior destaque é ao fato da presença de uma outra intertextualidade, a explícita (mais analisada na Figura 4), provinda das aspas indicando a suposta fala do Trump, o que mostra o impacto que a intertextualidade representa na textualidade dessas peças, pois as deixam com poucas brechas desconfiáveis aparentes. Poucos leitores duvidariam desse conteúdo com aparência de um jornal e uma fala direta de alguém que muito provavelmente daria essa declaração.

Figura 4 – Intertextualidade explícita, contexto falso e contexto fabricado

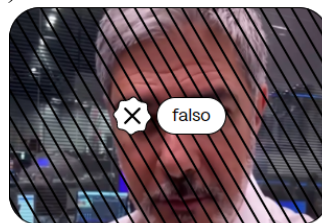
A) Contexto falso



políticas públicas **checagem**

Declaração de Haddad sobre volta do imposto do diesel é de 2023, não recente

B) Contexto fabricado



fraudes digitais **checagem**

Golpe do Resgata Brasil inventa indenização e usa deepfake com vídeo de William Bonner

Fonte: *Aos Fatos*, 2024

A intertextualidade explícita foi a mais encontrada, apresentando um total de 42%. Esse resultado se dá pelo fato de a maioria das peças de desinformação buscar uma imagem de credibilidade e nada mais convincente que a fala de uma autoridade no assunto ou alguém com uma boa reputação que preze pela veracidade. Em relação ao tipo de notícia falsa, nesse caso, encontramos um número bem balanceado entre os tipos mais recorrentes: conteúdo enganoso, contexto falso e contexto manipulado.

Na Figura 4A, temos a intertextualidade explícita através da fala do Ministro da Economia, Fernando Haddad, em um vídeo tirado de contexto, a declaração dele foi a respeito da volta do imposto sobre o diesel em 2023, mas a peça estava circulando como se o fato fosse de 2024. Essa conjuntura é uma das mais perigosas, visto que há uma fala real de uma autoridade, sem alteração em seu discurso. Ou seja, se o receptor desconfiar da informação e checar, vai encontrar o vídeo, porque é verdadeiro; mas a alteração está no contexto em que está circulando e muitos leitores/ouvintes não irão se atentar a isso. Esse é um forte fator que faz a intertextualidade explícita ser a mais usada: poder esconder uma mentira em ocorrências reais.

Na Figura 4B, o jornalista global William Bonner tem um vídeo seu manipulado com IA, no qual o áudio original foi trocado por um com a voz bem semelhante à do jornalista. O vídeo falava sobre um suposto programa do governo “Resgata Brasil” que indenizaria os indivíduos que tivessem dados sigilosos vazados. Há novamente uma fala explícita, mas dessa vez de um texto inventado, o Bonner não o falou, mas lhe foi atribuído. Pode haver dúvidas se ainda assim continuaria sendo uma intertextualidade *stricto sensu*, por já termos visto que, para isso, é necessário que o texto remeta a textos *efetivamente* produzidos. Entretanto, afirmamos que sim, porque, apesar de o criador do texto não ser o Bonner, o texto foi efetivamente produzido e foi um discurso difundido na sociedade. De todo modo, o texto existe, só está com a fonte errada.

Concluímos, portanto, que a intertextualidade explícita foi a mais utilizada por trazer a fala de uma autoridade para dar fundamento à informação e ser o mais clara possível, sem exigir muito de seu leitor/ouvinte para compreender a mensagem.

Figura 5 – Intertextualidade implícita e contexto falso



pseudociência checagem

Ano Novo de Nagasaki não
registrou maior explosão
de fogos de artifício do
mundo

Fonte: Aos Fatos, 2025

A intertextualidade implícita foi a menos encontrada, representando apenas 10% do *corpus*, isso ocorre porque “Um texto é uma proposta de sentido e ele só se completa com a participação do seu leitor/ouvinte” (Marcuschi, 2008, p. 94). Logo, tem-se a necessidade de contar com a capacidade do interlocutor em ativar o texto-fonte. Se a *fake news* tiver valor de subversão, então, há um grande risco de o interlocutor não identificar o intertexto e ser incapaz de lhe atribuir o sentido esperado. Esse cenário seria o completo oposto do objetivo das notícias

falsas, já que elas buscam enganar e influenciar o máximo de pessoas possível e, para tanto, é de extrema importância que seu público compreenda a mensagem pretendida a ser passada.

O exemplo da Figura 5 aborda um dos vídeos que circulavam nas redes sociais mostrando que, durante a festa de Ano Novo de 2025 em Nagasaki, no Japão, ocorreu a explosão da maior bomba de fogos de artifício do mundo, quebrando um recorde. O que não é verdade; afinal, a explosão aconteceu na cidade de Nagaoka, no Japão, em 2023 durante um festival de fogos. Ou seja, o ocorrido foi totalmente tirado de contexto. Somado a isso, o registro não foi uma quebra de recorde porque esse feito é dos Estados Unidos desde 2020.

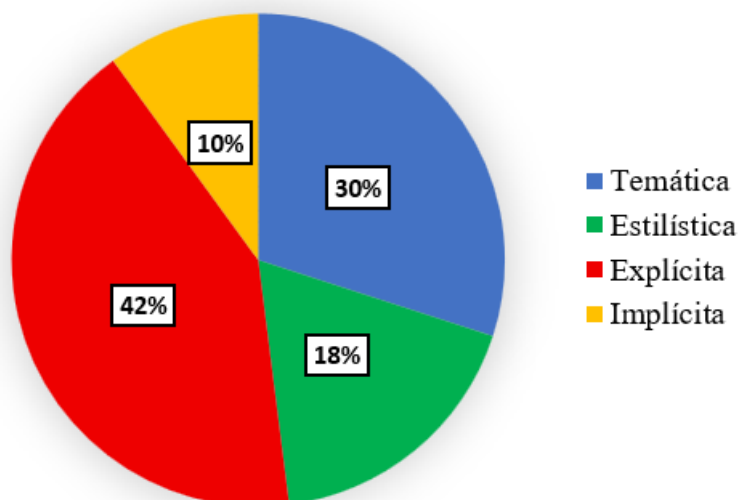
A intertextualidade usada nesse caso foi a do tipo implícita, pois as pistas textuais indicam que o autor não pretende, prioritariamente, espalhar a mentira sobre a quebra de recorde, mas sim fazer com seus leitores liguem palavras-chave, como *Nagasaki*, *bomba* e *explosão*, ao fim da Segunda Guerra Mundial, período em que os Estados Unidos lançaram duas bombas atômicas nas cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki, o que marcou o término do conflito em 1945. O público alcançado por essa notícia falsa precisaria ter na memória o conhecimento desse fato histórico, seja pela lembrança de aulas na escola, de vídeos na internet, de textos em livros didáticos ou literário, de conversas orais sobre o assunto; ou, então, seria incapaz de realizar a relação que o autor pretendia. Mais uma vez se percebe a importância do conhecimento enciclopédico para atribuir sentido ao texto.

Mesmo esse tipo de intertexto tendo um risco alto de não ser identificado e compreendido, no exemplo apresentado muitas pessoas conseguiram o feito, o que é perceptível pelos inúmeros comentários associados ao vídeo. A título de exemplificação, se tem: “O Record [*sic*] continua sendo o de 1945” (ou seja, a bomba lançada no fim da Segunda Guerra Mundial), “Segunda vez que Nagasaki quebra recorde de bomba” (a primeira, então, seria a explosão em 1945), “Pensei que esse recorde era dos EUA, das bombas lançadas em Hiroshima e Nagasaki” (mais uma vez citando o fim da guerra).

Nessa direção, a intertextualidade implícita é identificável para muitas pessoas que possuem o conhecimento sobre o intertexto, mas não têm a garantia plena de que será reconhecido; destarte, evita-se seu uso nas notícias falsas para não precisar contar tanto com a capacidade dos indivíduos de pegar a referência do texto-fonte. A seguir, nos Gráficos 1 e 2, apresentam-se os resultados quantitativos referentes aos tipos de intertextualidade e de notícias

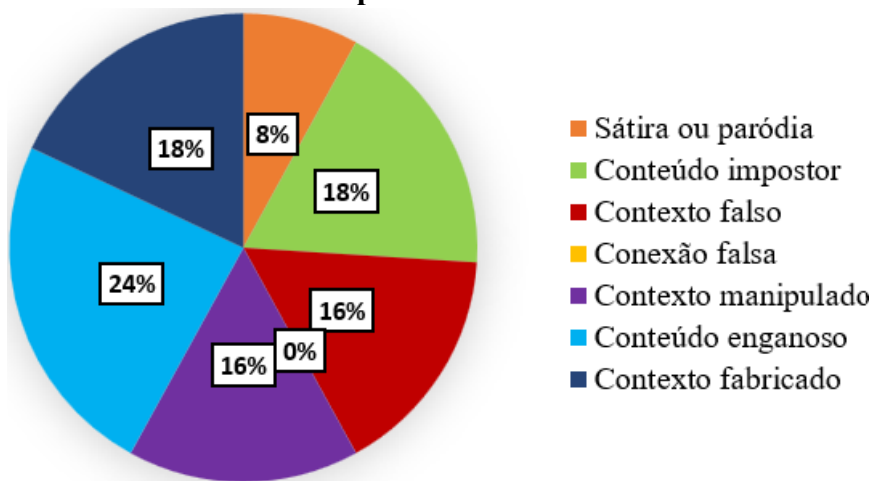
falsas verificadas pelo portal *Aos Fatos*, respectivamente. A Figura 6, por sua vez, revela o cruzamento do quantitativo do tipo de intertextualidade com o tipo de notícia falsa predominante.

Gráfico 1 - Percentual de cada tipo de intertextualidade nas peças de desinformação checadas pelo *Aos Fatos*



Fonte: elaborado pelas autoras, 2025.

Gráfico 2 - Percentual de cada tipo de *fake news* nas peças de desinformação checadas pelo *Aos Fatos*



Fonte: elaborado pelas autoras, 2025.

Figura 6 – Cruzamento entre o quantitativo dos tipos de intertextualidade e de notícias falsas predominantes



Fonte: elaborado pelas autoras, 2025.

Os dados quantitativos do Gráficos 1 e 2 revelam os percentuais referentes aos tipos de intertextualidade *stricto sensu* e de notícias falsas, respectivamente. Notamos, no que tange aos tipos de intertextualidade, uma predominância dos tipos *explícita* (42%) e *temática* (30%). Isso corrobora o fato de que esses tipos de intertextualidade podem ocorrer, estrategicamente, na elaboração textual de notícias falsas, desde que façam parte do plano de texto do autor, que seleciona intertextos vinculados a temas em maior evidência na mídia ou apresentados explicitamente, como forma de “legitimar” o conteúdo abordado.

No que tange aos tipos de notícia falsa, os dados indicam uma maior recorrência do tipo *conteúdo enganoso* (24%), seguido dos tipos *conteúdo impostor* (18%), *contexto fabricado* (18%) e *contexto falso* (16%). Considerando que o portal *Aos Fatos* checa sobretudo as peças de desinformação centradas na esfera política, e que a coleta dos dados foi realizada em período eleitoral (de setembro de 2024 a janeiro de 2025), entendemos que a estratégia principal de culpar uma questão ou um indivíduo faz parte da manipulação dos conteúdos apresentados ao leitor. Além disso, a personificação de fontes verdadeiras, a fabricação de conteúdo totalmente novo e a desconexão entre contexto e conteúdo igualmente assinalam estratégias presentes na disseminação da desinformação.

Em relação aos dados apresentados na Figura 6, eles mostram o cruzamento entre os tipos de intertextualidade e os tipos de notícias falsas predominantes, por quantitativo de ocorrências. Para a *intertextualidade temática* (15), houve um maior número de notícias falsas do tipo *contexto fabricado* (6), o que demonstra uma tendência à manipulação da informação por meio de conteúdo fabricado, totalmente novo, com base em temas em destaque na mídia, i. e., atrelam inverdades a informações verídicas. Na *intertextualidade estilística* (9), a predominância foi do

tipo *conteúdo impostor* (5), considerando que, nos exemplos analisados, muitos sites e portais verdadeiros tiveram seu formato copiado, o que também concebemos como uma forma de “personificação” de fontes verdadeiras usadas para manipular ou enganar. A predominância encontrada é bastante coerente, visto que ambos os tipos têm o intuito de “imitar” seus textos-alvos.

Na *intertextualidade explícita* (21), prevaleceu o tipo de *conteúdo enganoso* (6), em que a estratégia principal é a manipulação da informação para culpar uma questão e/ou um indivíduo. Em tal processo, a informação é manipulada por meio de citações e fontes que tentam dar “legitimidade” ao conteúdo apresentado. Na *intertextualidade implícita* (5), houve uma maior incidência do tipo *contexto falso* (3). Destacamos, nesse caso, o uso de informações contextuais falsas na manipulação de conteúdos que são acessados pelo leitor, conteúdos esses que precisam da ativação da memória discursiva do receptor para atribuir sentido às informações, que, por sua vez, possuem relações subjacentes a outros contextos, que também precisam ser conhecidos pelos interlocutores.

Por fim, lembramos que esse cruzamento de dados apresentado na Figura 6 revela apenas uma estimativa de predominância de alguns tipos de notícias falsas em relação aos tipos de intertextualidade *stricto sensu*. De um modo geral, compreendemos, a partir do *corpus* investigado, que a *intertextualidade explícita* e a notícia falsa do tipo *conteúdo enganoso* compõem os principais critérios de disseminação da desinformação nas peças investigadas.

6. Considerações finais

O estudo objetivou analisar, em peças de desinformação verificadas pelo portal *Aos Fatos*, como a intertextualidade *stricto sensu*, sob a perspectiva de Koch, Bentes e Cavalcante (2012), ocorre nos diferentes tipos de notícias falsas, seguindo a classificação de Wardle (2017), apresentada no Portal *First Draft News*, considerando aspectos verbais e não-verbais.

Percebeu-se que a intertextualidade é um recurso frequentemente utilizado pelas notícias falsas e que cada tipo é empregado de acordo com o objetivo do agente criador da peça de desinformação. A presença desse fator de textualidade pode se dar em textos escritos, orais, visuais e sinalizados em língua de sinais, bem como em textos multimodais. Notou-se, também, o uso de Inteligência Artificial (IA) para atribuir uma aparência mais realista às inverdades, criando imagens, vídeos e áudios.

Concluimos que a intertextualidade temática pode ocorrer entre notícias, entre *fake news* e entre notícias e *fake news*, mesmo uma tendo o compromisso de informar e a outra o objetivo de desinformar, ainda abordam o mesmo tema em um certo período de tempo. Observamos, ainda, que intertextualidade estilística não copia somente a linguagem usada pelo seu alvo, mas também as imagens, cores, formatação, tamanho e formato da letra; em textos não-escritos, com auxílio da IA, imita a aparência, o timbre de voz, as pausas, a entonação, as expressões faciais e corporais.

A intertextualidade explícita, por sua vez, foi a mais encontrada, justamente por trazer o intertexto e sua fonte de forma clara, proporcionando maior facilidade de compreensão do conteúdo e reduzindo o risco de a informação não ser entendida. Houve casos em que o intertexto não pertencia à fonte apontada, mas sem deixar de ser um texto efetivamente produzido, pois é um discurso difundido na sociedade. Em contrapartida, a implícita foi o tipo menos encontrado; afinal, exige que o receptor ative o texto-fonte em sua memória, o que, se não ocorrer, compromete a construção de sentido do texto, algo evitado pelas peças de desinformação para não prejudicar sua propagação massiva.

Em relação aos tipos de notícia falsa, seguindo a classificação de Wardle (2017) apresentada no Portal *First Draft News*, a pesquisa revelou uma predominância do tipo conteúdo enganoso (24%), o que está associado a uma tendência mais geral das peças de desinformação buscarem culpar uma questão e/ou um indivíduo a respeito de um dado tema ou fato ocorrido. Embora esse aspecto não tenha sido discutido nos exemplos investigados (Figuras 1 a 5), ele aparece nos resultados quantitativos do Gráfico 2 de nossa análise.

Por fim, constatamos que a ativação dos quatro sistemas de conhecimento (conhecimento linguístico, conhecimento de mundo, conhecimento dos modelos textuais globais e o conhecimento sociointeracional) e a compreensão do contexto de produção e circulação das notícias falsas são muito importantes para a compreensão e construção de sentido dos textos.

Os resultados obtidos neste estudo ressaltam a presença e contribuição da intertextualidade na tessitura das peças de desinformação, favorecendo no que tange à intenção do autor. Dessa forma, o tema é relevante para fomentar a análise crítica das notícias falsas, percebendo o objetivo e os mecanismos por trás de seu discurso, sobretudo em uma realidade

com forte presença de ferramentas digitais que fazem essa curadoria em meio digital ficar cada vez mais complexa.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Verena Santos. A linguística textual e o estudo dos gêneros discursivos digitais. In: LÉ, Jaqueline Barreto; BARROS, Isis Juliana Figueiredo de (Orgs.). *Práticas tecnolinguageiras: textualidade e ambientação digital*. Catu: Bordô-Grená, 2021. *E-book*. Disponível em: <https://www.editorabordogrena.com/>. Acesso em: 30 jan. 2025.
- AOS FATOS. *Aos fatos: valorize o que é real*, 2015. Checagem. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/>. Acesso em: 20 de jan. 2025.
- AUTHIER, Jacqueline. Hétérogenéité montrée et hétérogenéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours. *DRLAV*, Paris, . 26, p. 91-151, 1982.
- BEAUGRANDE, Robert de; DRESSLER, Wolfgang U. *Introduction to Text Linguistics*. Abingdon: Routledge, 1981.
- BERRENDONNER, Alain. *Éléments de pragmatique linguistique*. Paris: Minuit, 1981.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica; ZAVAM, Aurea. Intertextualidade e ensino. In: MARQUESI, Sueli Cristina; PAULIUKONIS, Aparecida Lino; ELIAS, Vanda Maria (Orgs.). *Linguística textual e ensino*. São Paulo: Contexto, 2017. p. 109-127.
- FERRARI, Pollyana. *Como sair das bolhas*. São Paulo: EDUC/Fortaleza: Armazém de Cultura, 2019.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOMES, Luiz Fernando; BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Redes sociais e escola: o que temos de aprender? In: ARAÚJO, Júlio César; LEFFA, Vilson. *Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- GRÉSILLON, A.; MAINGUENEAU, D. Poliphonie, proverbe et détournement, ou un proverbe peut en cacher un autre. *Langages*. N. 73. p. 112-125, 1984. Disponível em https://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1984_num_19_73_1168. Acesso em 03 fev. 2025.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Introdução à linguística textual: trajetórias e grandes temas*. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- KRISTEVA, Julia. *Introdução à semântica*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- LÉ, Jaqueline Barreto; ANECLETO, Úrsula Cunha; RIBEIRO, Ana Elisa. Saindo das bolhas de pós-verdade: ética da informação para fluência digital e combate às fake news. *Revista Linguagem em Foco*, v.14, n.2, 2022. p. 29-48. Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/9292>. Acesso em: 25 de set. de 2024.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Trad, Sírio Possenti. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

SAAD, Elizabeth. Os muitos nomes da desinformação e os impactos nos processos comunicacionais e nos regimes de verdade. In: PRATA, Nair; ANDRÉ, Hendry; MATOS, Silvio Simão de (orgs.) *Ciências da comunicação contra a desinformação*. São Paulo: Intercom, 2023. p. 76-91.

SANT'ANNA, A. R. *Paródia, paráfrase e cia*. São Paulo: Ática, 1985.

SANTAELLA, Lucia. A semiótica das fake news. *Verbum - Cadernos de pós-graduação*, v. 9, n. 2, p. 9-25, 2020.

SANTAELLA, Lucia. Do clímax ao anticlímax das redes sociais. Prefácio. In: FERRARI, Pollyana. *Como sair das bolhas*. São Paulo: EDUC/Fortaleza: Armazém de Cultura, 2019.

SENA, Luana. A pressa é inimiga da compreensão. In: FERRARI, Pollyana (org.) *Nós: Tecnoconsequências sobre o humano*. Porto Alegre: Editora Fi, 2020. *E-book*. Disponível em: <https://www.editorafi.org/771nos#:~:text=S%C3%A3o%2010%20cap%C3%ADtulos%20que%20tamb%C3%A9m,individualista%20para%20o%20pr%C3%B3prio%20umbigo>. Acesso em: 30 jan. 2025.

WARDLE, Claire, DERA KHSHAN, Hossein. Reflexão sobre a “desordem da informação”: formatos da informação incorreta, desinformação e má-informação. In: IRETTON, Cherilyn; POSETTI, Julie (Eds.). *Jornalismo, fake news & desinformação: manual para educação e treinamento em jornalismo*. Paris: UNESCO, 2019. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/257093-jornalismo-fake-news-desinforma%C3%A7%C3%A3o-manual-para-educa%C3%A7%C3%A3o-e-treinamento-em-jornalismo>. Acesso em: 05 de fev. de 2025.

WARDLE, Claire. Fake News. It's complicated. *First Draft News*, 2017. Disponível em: <https://firstdraftnews.org/articles/fake-news-complicated/>. Acesso em: 25 de set. de 2024.